

Esses que vieram e ficaram



Vera Brant - a necessidade de um ideal bem grande

P: Há 14 anos em Brasília, tendo vindo do Rio de Janeiro, você já se arrependeu alguma vez de ter vindo?

R: Acho que não. Tive várias fossas neste intervalo; e os abismos da gente aqui são mais abismos. Talvez porque tivesse sonhado alto demais. Vim porque quis e porque tinha necessidade de um ideal bem grande. Brasília, naquela época, representava o ideal de todas as pessoas angustiadas por realizar alguma coisa. Era uma seta para o futuro, uma perspectiva de dar um sentido novo aos caminhos que nos levavam aos nossos amanhãs.

R: Sou, felizmente. Aqui fiz centenas de amigos. Aqui conheci os que são, hoje, os meus maiores amigos. Quando assumi a responsabilidade de criar três sobrinhos que vieram para a minha companhia há dez anos, com um, três e quatro anos, só tive coragem de fazê-lo porque contava com os meus amigos que me ajudariam. Nunca vi tanta solidariedade, tanto calor humano. Tanto amor.

R: Quando vários amigos foram embora e eu me senti quase sózinha.

R: Só.

P: Você sente que contribuiu na realização de Brasília?

R: Sinto que não. Trabalhei na Educação (fui Inspetora de Ensino no MEC) na universidade de Brasília, cheguei à conclusão que não estava valendo nada o que estava fazendo e resolvi abrir uma Imobiliária, em sociedade com o Simão da Cunha. Ficou

aqui cuidando dos imóveis dos outros, administrando, sugerindo aos amigos um bom negócio, etc. Tudo bobagem. Em termos grandiosos não consegui fazer realmente nada.

P: Qual o seu sentimento com relação a Brasília?

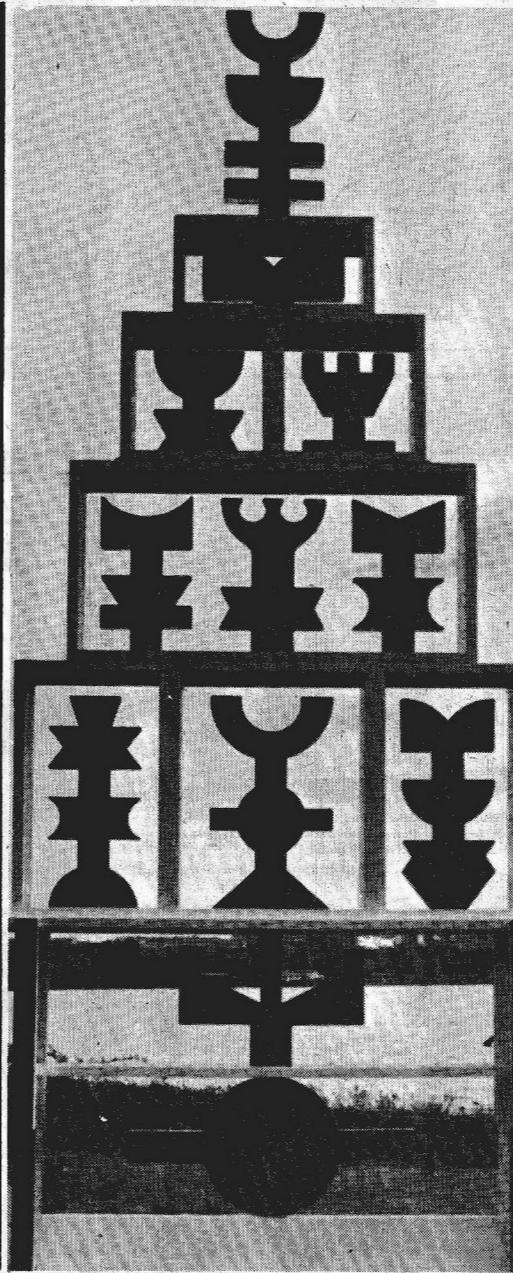
R: Amor. Um amor ternura, desse que a gente tem pelas coisas e pessoas puras, idealistas, sonhadoras. Porque Brasília é o sonho de um Brasil que a gente sempre pretendeu que fosse cada vez mais grandioso e mais bonito.

P: Dizem que você é uma pessoa muito querida em Brasília.

R: Sou, felizmente. Aqui fiz centenas de amigos. Aqui conheci os que são, hoje, os meus maiores amigos. Quando assumi a responsabilidade de criar três sobrinhos que vieram para a minha companhia há dez anos, com um, três e quatro anos, só tive coragem de fazê-lo porque contava com os meus amigos que me ajudariam. Nunca vi tanta solidariedade, tanto calor humano. Tanto amor.

P: O que você acha da vida intelectual em Brasília?

R: Meio sobre o fraco. Mas você compensa isto lendo bastante e conversando com pessoas inteligentes. É o que eu procuro fazer sempre.



Rubem Valentim, uma visão plástica

Texto de Marizete Mundim

Mora em Brasília um artista tido como o criador de um novo caminho para a arte: Rubem Valentim. O crítico de arte Frederico Moraes disse que ele "representa para o Brasil uma gênese ou um caminho ou mesmo um pensamento de formas arquitetônicas e urbanísticas".

Baiano de São Salvador, Rubem veio para Brasília em abril de 1967 a convite da UnB.

— Não conhecia Brasília e tive muita dificuldade para me adaptar. Mas existe aqui um bom clima físico e uma tranquilidade que me proporcionaram tempo e disposição para o trabalho. Produzi muito: esculturas, objetos, relevos, serigrafias e, pela primeira vez, fiz tapeçaria.

Rubem faz uma arte não verbal, semiológica. Ela é toda baseada nos signos da arte negro-ameríndia-nordestina. Portanto, uma arte revolucionária e ele diz como se sente em Brasília atuando como artista e, como artista revolucionário.

— Viver em Brasília como artista não é fácil. A predominância do mau gosto seja na arquitetura ou na decoração de interiores, revela o gosto dos novos-ricos. As violentações caricatas do folclore, as famigeradas "estilizações" que predominam em determinadas exposições, tão a gosto Kitsch tropicalismo. Enfim a desinformação cultural do brasileiro torna muito difícil a vida do artista.

Rubem coloca o problema de "decepção" dos mais entusiasmados, afinal era de se esperar que Brasília fosse, já hoje, um importante centro cultural.

— Apesar de Brasília ter sido criada sob a inspiração de grandes arquitetos, urbanistas e paisagistas, ela infelizmente ainda não se tornou um centro cultural importante como era esperado. Atualmente, com a consolidação da capital, com a implantação das embaixadas, com a denimização e atuação constante da Fundação Cultural do Distrito Federal, o panorama tende a melhorar, evidentemente.

A importância de Rubem Valentim está no fato de ser ele um artista permanentemente radicado em Brasília, vencendo todas as dificuldades de uma cidade sem mercado de arte definido e com as limitações naturais de uma área cultural em processo de formação.

Vivendo e convivendo com os espaços de Brasília, Rubem Valentim diz que sua arte busca o espaço para torná-lo significativo e, portanto, humano. "Minha arte busca a rua, a estrada, as estações viárias, as praças, as interquadras e os conjuntos arquitetônicos-urbanísticos".

Ele, que hoje é estudando em todo o mundo por ter criado uma arte comprometida com a transformação consciente do signo, vive em Brasília, perfeitamente adaptado.